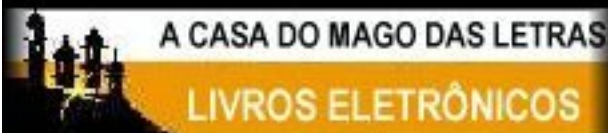


# AMOR EM NOITE DE GALA



**L P BAÇAN**



A CASA DO MAGO DAS LETRAS

LIVROS ELETRÔNICOS

## A CASA DO MAGO DAS LETRAS LIVROS ELETRÔNICOS



[www.lpbacan.net](http://www.lpbacan.net)  
[www.portalcen.org](http://www.portalcen.org)  
[www.viladasartes.org](http://www.viladasartes.org)  
[www.avllb.org](http://www.avllb.org)  
[www.perolaparana.net](http://www.perolaparana.net)

**Direitos exclusivos para língua portuguesa:**

**Copyright © 2007 L P Baçan**

**Pérola — PR — Brasil**

Edição do Autor. Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita desde que sejam preservadas as características originais da obra.

## CAPÍTULO 1

Marianne Torkington chegava a Los Angeles anonimamente e ela estava ciente disso. Dentro dela, porém, vibrava a esperança, quase certeza, de que, ao deixar a cidade, seria reconhecida por todos como a nova Miss Califórnia.

Pela janela aberta do ônibus, sentia a aproximação daquele cheiro de mar, impregnando o ar e a deixando excitada. Pouco a pouco se podia ver a imensidão de edifícios, como dedos imensos tentando atingir as nuvens.

Poeticamente ela reclinou a cabeça em seu assento e sonhou com a glória. Um braço se estendeu diante de seu rosto, fechando rapidamente a janela.

— Marianne, está maluca! — observou a Sra. Yarrow havia acompanhado todas as Miss San Bernardino naquela viagem em busca do reconhecimento, nos últimos quinze anos.

Era uma espécie de orientadora, treinadora, conselheira e guarda-costas. Sabia mais sobre concursos de beleza que qualquer outra pessoa da cidade.

Diziam, inclusive, que chegara a finalista do concurso Miss Califórnia e que perdera o cetro por uma injustiça dos juizes. Mas a Sra. Yarrow nunca falava sobre isso. Cada nova garota que ela acompanhava era tratada com todo cuidado.

— Desculpe-me, Sra. Yarrow, não quis acordá-la — falou Marianne.

— Não se trata disso, garota. Esse vento pode lhe causar um resfriado. Já se imaginou desfilando e espirrando na passarela?

Marianne voltou a cabeça para olhar a velha senhora. Ela estava com toda a razão. Seria um verdadeiro desastre.

— Perdoe-me, querida. Esqueça — disse a Sra. Yarrow, abraçando a garota com uma ternura quase materna — Confio em você. Marianne. Não é como as outras garotas. Tem tudo para vencer este concurso.

— Farei o melhor que puder.

— Não, querida. Isso não basta. É preciso fazer tudo, entendeu? Tudo!

— Com a senhora me orientando, garanto que o conseguirei.

Na chegada ao hotel, tudo estava profissionalmente preparado para recebê-las. Marianne esperava, porém, contar com a presença de reportes, fotógrafos, gente da imprensa cobrindo-a de perguntas.

Nada disso aconteceu, porém. Ela foi levada ao quarto que dividiria com a Sra. Yarrow. Quando se viram a sós, finalmente, Marianne olhou para sua acompanhante com certa decepção nos olhos.

— O que há de errado, filha? — indagou a mulher.

— Bem, foi tudo tão rápido, eu pensei que...

— Entendi — respondeu a Sra. Yarrow, abrindo-se num largo sorriso. — Tenha paciência, querida. Logo as coisas começarão a acontecer ao seu redor, não se preocupe.

— As outras garotas também ficarão neste hotel?

— Sim, todas elas.

Marianne se aproximou da janela. Percebeu a piscina, superlota. Havia diversas garotas em trajes de banhos sendo fotografadas por um batalhão de repórteres.

— Agora eu sei porque eles não estavam lá embaixo, quando chegamos — disse Marianne, correndo para abrir uma de suas malas.

— Do que está falando? — indagou a Sra. Yarrow, indo até a janela.

— Os fotógrafos estão lá na piscina, com as outras concorrentes. Não vou ficar para trás — disse ela, encontrando o que procurava.

— O que vai fazer? — perguntou a acompanhante.

— Vou até lá.

— Não, você precisa descansar...

— Não enquanto elas estiverem lá embaixo, com chances de aparecerem em todos os

jornais.

Sem que a Sra. Yarrow pudesse impedir, Marianne se trancou no banheiro, de onde saiu com um minúsculo biquíni. Apanhou uma saída de banho transparente que deixara sobre a cama, vestindo-a.

— Vai sair com isso? — indagou a velha senhora.

— E por que não? Acha que chamarei a atenção vestida assim?

— Garanto que vai chamar a atenção despida assim!

— Sra. Yarrow — disse Marianne, com carinho. — Sei que sabe muito sobre concursos, mas talvez ainda esteja pensando com alguns anos de atraso. Seus conselhos são importantes, mas deixe-me ajudá-la também.

— Eu sabia que você não era como as outras, querida — respondeu a mulher, com uma de orgulho. — Você tem no sangue o desejo de ser Miss. Está certo, sei que não poderei dominá-la, mas tome cuidado, tome todo cuidado.

— Vem comigo?

— Não, tenho que entrar em contato com a Comissão organizadora do concurso. Há uma porção de coisas que preciso fazer. Desça lá e faça o seu papel.

Marianne deixou o quarto e foi esperar pelo elevador. Quando a porta se abriu, ela se sentiu um tanto constrangida, diante de alguns homens que a olharam com espanto e admiração.

Foi apenas uma questão de segundos. Aqueles rostos a lisonjearam, deixando-a ciente de que podia impressionar. Ergueu a cabeça agressivamente e entrou.

Os homens se comprimiram para deixarem-na passar.

— Bom dia, senhora! — cumprimentou ela, com naturalidade.

Alguns responderam, outros apenas gaguejaram. O ascensorista, um rapaz jovem e muito simpático, olhou-a quase com descaramento.

— Foi apenas uma questão de segundos. Aqueles rostos a lisonjearam, deixando-a ciente de que podia impressionar. Ergueu a cabeça agressivamente e entrou.

Os homens se cumpriram para deixarem-na passar.

— Bom dia, senhora! — cumprimentou ela, com naturalidade.

Alguns responderam, outros apenas gaguejaram. O ascensorista, um rapaz jovem e muito simpático, olhou-a quase com descaramento.

— É uma delas? — indagou ele, sorrindo.

— Quer saber se sou uma Miss?

— Sim, isso mesmo.

— Sim, sou a Miss San Bernardino.

— Parabéns a San Bernardino. É a melhor que vi até agora.

Foi uma espécie de elogio que agradou Marianne. Ela sorriu simpaticamente, agradecendo com um leve aceno de cabeça.

Momentos depois, no térreo, ela deixou o elevador e caminhou até o balcão de informações.

— Como faço para chegar até a piscina? — indagou.

— Por ali, senhorita — informou um senhor alto e grisalho.

Marianne agradeceu e rumou naquela direção. Momentaneamente, tudo parou no hall de entrada do hotel. Todos os olhos se concentraram naquele belo par de pernas, por sob o tecido transparente, naquela naturalidade de andar.

O homem que havia dado a informação a Marianne, porém, não olhava na direção dela. Seus olhos fuzilavam, fixos no ascensorista do elevador.

Ele contornou o balcão e caminhou até o elevador.

— Derek, o que faz aí? — indagou ele, em voz baixa.

O rapaz olhou por cima dos ombros do homem, até que Marianne transpusesse o portal que dava acesso à piscina. Depois ele olhou para o homem e sorriu:

— Ora, papai. Estou me divertindo.

— Tire isso imediatamente. Preciso de ajuda, temos que fazer um trabalho perfeito.

— Sei disso, mas agora estou em minha hora de folga.

— E por que está aí, no elevador?

— Por que é o melhor modo de conhecer todas as garotas.

— Você não cria juízo mesmo — disse Arthur Shaw, o proprietário do hotel, passando as mãos pelos cabelos e voltando à portaria.

Um dos "boys" do hotel se aproximou do jovem que estava no elevador.

— Parece que o velho não apreciou sua idéia, Derek.

— Não se preocupe, Eddie. Ele sempre fica nervoso quando recebemos as mocinhas do concurso. Mas não vamos falar nisso agora. Você viu essa que chegou há pouco?

— Sim, uma verdadeira bomba!

— Sensacional, realmente. Acho que vou trocar minha posição de ascensorista pela de salva-vidas da piscina.

— Então já fez sua escolha?

— Sim. Além disso, está muito monótono trabalhar no elevador, agora que todas elas estão na piscina. Se elas soubessem que o elevador é controlado por computador e que um ascensorista é dispensável... — riu Derek, entrando no elevador e apertando o botão do último andar, onde ficava seu apartamento particular.

\*\*\*

Quando Marianne chegou à piscina, reinava uma balbúria total. Os repórteres e fotógrafos rodeavam as garotas, fazendo perguntas, pedindo poses especiais.

— Vejam aquilo, pessoal! — gritou alguém, de repente.

Houve um instante de silêncio, quando todos os rostos se voltaram para a entrada da piscina. Marianne caminhou lentamente, demonstrando toda sua elasticidade feminina.

Num gesto lento e ensaiado, soltou a saída da banho de sobre seus ombros.

— Pare! — gritou um repórter se adiantando, mas sendo ultrapassado por um fotografo.

Foi o inicio de tudo. Repentinamente Marianne se viu cercada por todos eles. Choveram perguntas e pedidos. Ela mal tinha tempo de responder um deles e outra já lhe perguntava algo em seguida.

Os fotógrafos queriam que ela sorrisse, que movesse os braços, que se sentasse, que agitasse os cabelos. No outro lado da piscina, um grupo invejoso, formado pelas outras concorrentes, observava tudo sem esconder o ódio.

— Quem é ela? — indagou uma das garotas.

— Uma Miss Qualquer-Coisa — respondeu outra, com despeito.

— Deve se sentir feliz com a sensação que provocou — observou outra.

— Talvez devêssemos dar uma lição nessa garota — sugeriu a Miss San Diego.

— O que tem em mente? — indagou Miss San Francisco, que até então era uma das mais cotadas ao titulo.

— Deixe comigo — disse a Miss San Diego, fazendo um sinal para um rapaz que estava dentro da piscina.

Com braçadas rápidas ele chegou até a borda.

— O que foi desta vez, Judy?

— Cale a boca, irmãozinho, e escute. Quero que faça o seguinte...

— Está bem, você manda — disse ele, saindo da piscina e caminhando até o grupo onde estava Marianne.

Um fotografo pediu uma pose à beira da piscina. Marianne o atendeu. O rapaz ainda gotejante se aproximou dela, como se fosse dizer alguma coisa.

Num movimento que pareceu acidental, ele derrubou a garota na água. Os fotógrafos não perderam a chance. Suas câmaras trabalharam com rapidez.

Nenhum deles, porém, percebia que Marianne não sabia nadar. Repentinamente, um vulto se atirou à água, retirando a jovem.

— Pare, eu estou bem — gritou ela, meio engasgada, enquanto o rapaz tentava lhe aplicar uma respiração artificial boca a boca.

— Tem certeza? — indagou Derek Shaw, preocupado realmente.

— Sim, acho que sim — falou ela, percebendo que os fotógrafos não perdiam um instantes.  
— Meu Deus! Eu estou horrível — exclamou ela, cobrindo o rosto.

— O que houve agora?

— Meus cabelos...

— Vamos, levante-se — pediu Derek, segurando-a pelos braços. — Agora sorria.

— Como?

— Sorria — repetiu ele.

Marianne obedeceu. Derek a olhou com interesse, depois se voltou para os repórteres e fotógrafos.

— Já viram antes beleza tão natural, perfeição tão exuberante?

— Sr. Shaw, conhece a garota? — indagou um repórter.

— Sim, claro. Eu e Miss...

— San Bernardino — ajudou ela.

— Eu e Miss San Bernardino somos velhos amigos.

— Quais são as chances dela, — perguntou outro repórter.

— A pergunta ficará melhor se você me perguntasse quais são as chances das outras.

— Eu reformulo a pergunta então — disse o repórter. — Quais são as chances das outras.



— Elas não têm a menor chance — finalizou Derek, passando o braço ao redor dos ombros da garota e levando-a para fora dali.

Os fotógrafos rapidamente registraram a cena. Derek a conduziu para o interior do hotel.

— Para onde está me lavando? — indagou ela, já no elevador.

— Você precisa se secar...

— Nesse andar — respondeu ela, apertando o botão correspondente ao seu andar.

Derek apenas sorriu decepcionando e brincalhão. Marianne o olhou com cuidado. Era um belo rapaz. Tinha um físico bem cuidado e muito simpático. Além disso, tinha algo de conhecido.

— Onde o vi antes? — indagou ela.

— Não sei, talvez aqui dentro mesmo — respondeu ele, sorrindo.

— Estava com aquele grupo de homens, não?

— Sim, estava.

O elevador parou diante do andar em que ficavam os apartamentos da garota. Quando ela deixou o elevador, Derek a seguiu.

— Onde pensa que vai? — quis saber ela.

— Pensei que quisesse me agradecer pelo que fiz. Salvei sua vida.

— Fico-lhe grata por isso, Sr...

— Derek Shaw.

— Sim, muito obrigada — emendou ela, caminhando até diante da porta de seu quarto.

— Posso voltar a vê-la?

— Não sei, tenho compromissos.

— O hotel vai oferecer um jantar de boas-vindas a todas as concorrentes. Posso

acompanhá-la?

A Sra. Yarrow estava ao telefone. Ao ver Marianne, finalizou o que estava tratando para encará-la.

— O que houve com você?

— É uma longa história, Sra. Yarrow.

— Pode apanhar um resfriado. Vá tomar um banho quente. Precisamos cuidar desse cabelo. Já marquei hora para você. Não temos um minuto a perder. Depois você me conta tudo que aconteceu.

Marianne percebeu que as malas já haviam sido desfeitas. Foi até o armário e apanhou seu roupão de banho. Vestiu-o sobre o corpo molhado.

Sentiu que havia algo dentro de um dos bolsos. Não precisou forçar a memória para saber de que se tratava. Seus dedos apertaram com força aquela rolha de champanhe.

Lembrou-se, então, de James York, seu namorado. Aquela simples rolha tinha um significado especial para a garota e a fazia se lembrar daquela noite de despedida.

Marianne caminhou até o banheiro, onde se despiu e ligou a ducha. A água morna caiu sobre seu corpo, escorrendo com suavidade.

Pareceu-lhe sentir que no momento seguinte a ducha seria desligada e os dedos possessivos de James passeariam pelo seu corpo, como na noite passada.

James chegara de surpresa e a pegara no banho. Há muito ele tinha a chave do apartamento dela.

— Rápido! — gritou a Sra. Yarrow, despertando-a.

## CAPÍTULO 2

Enquanto se enxugava, Marianne ouviu o telefone tilintar. A Sra. Yarrow atendeu prontamente. Momentos depois ela vinha ter com a garota.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

